

METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE AGRICULTORES EM SERRA CAIADA-RN

METHODOLOGIES PARTICIPATORY IN THE TRAINING PROCESS OF FARMERS IN SERRA CAIADA-RS

DOI: <https://doi.org/10.31692/2764-3425/v1i1.38>

¹ WEDSON ALEFF OLIVEIRA DA SILVA

Mestrando em Ciências Agrárias, PPGCA-UEPB, wedsonaleff@gmail.com

² AMANDA DIAS COSTA

Doutoranda em Ciências Biológicas, PPGCB-UFPB, amandadias.costa@hotmail.com

³ DAVID MARX ANTUNES DE MELO

Doutorando em Agronomia, PPGA-UFPB, davidatunes@gmail.com

⁴ PEDRO HENRIQUE FELICIANO VIANA

Licenciado em Ciências Agrárias, UFPB-CCHSA, pedrohenrique_viana@hotmail.com

⁵ ALEXANDRE EDUARDO DE ARAÚJO

Doutor em Eng. Agrícola, UFPB-CCHSA, alexandreduardodearaujo@hotmail.com

RESUMO

Objetiva-se com este trabalho descrever e analisar a experiência desenvolvida por meio de metodologias participativas com um grupo de agricultores no município de Serra Caiada/RN, de forma a promover o protagonismo e a autonomia para uma transição agroecológica e um posterior desenvolvimento rural sustentável dos sistemas produtivos. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, se caracterizando como um estudo de caráter exploratório. A pesquisa é resultado de um curso de formação sobre Gestão de Água para a Produção de Alimentos (GAPA), nos dias 30 e 31 de agosto e 1 de setembro de 2018, com um grupo de 100 agricultores no município de Serra Caiada/Rio grande do Norte, onde foram utilizadas metodologias participativas e recursos metodológicos, sendo estes: mapa inicial da propriedade; diferenciação da agroecologia x agricultura convencional; rio do tempo; e mapa do futuro da propriedade. Estas ferramentas foram introduzidas dentro do processo de formação de caráter continuado durante o seguimento do curso e se constituem como dados desta pesquisa. A avaliação dos resultados foi feita com base na análise e reflexão dos materiais produzidos pelos integrantes durante o processo formativo, a partir de seus posicionamentos e intervenções durante os respectivos dias. Os processos oriundos das metodologias participativas promoveram uma grande mobilização social durante os procedimentos formativos, por meio do estímulo no compartilhamento de experiências, conhecimentos e reconhecimentos de realidades de vida, gerados nesse processo de forma dialógica, os quais puderam construir um ambiente de aprendizado voltado para o contexto social, histórico e cultural daquele espaço. Com isso, os agricultores puderam reconhecer seu universo de possibilidades, direitos e compromissos com seu próprio contexto e no contexto da agroecologia.

Palavras-chave: agroecologia; formação, metodologias participativas.

ABSTRACT

The objective of this work is to describe and analyze the experience developed through participatory methodologies with a group of farmers in the municipality of Serra Caiada / RN, in order to promote protagonism and autonomy for an agroecological transition and subsequent sustainable rural development. productive systems. The research has a qualitative approach, characterizing itself as an exploratory study. The research is the result of a training course on Water Management for Food Production (GAPA), on 30 and 31 August and 1 September 2018, with a group of 100 farmers in the municipality of Serra Caiada / Rio Grande of the North, where participatory methodologies and methodological resources were used, being these: initial map of the property; differentiation of agroecology vs. Conventional agriculture; river of time; and map of the future of the property. These

tools were introduced within the process of continuing character formation during the course's follow-up and constitute as data of this research. The evaluation of the results was made based on the analysis and reflection of the materials produced by the members during the formative process, from their positions and interventions during the respective days. The processes of participatory methodologies promoted a great social mobilization during the formative procedures, by stimulating the sharing of experiences, knowledge and recognitions of realities of life, generated in this process in a dialogic way, which could build a learning environment focused on the social, historical and cultural context of that space. With this, farmers were able to recognize their universe of possibilities, rights and commitments with their own context and in the context of agroecology.

Keywords: agroecology, training, participatory methodologies.

INTRODUÇÃO

O final da década de 1960 no Brasil foi marcado por um modelo de extensão rural que foi difundido e preconizado em meio a Revolução Verde e/ou modernização da agricultura, o qual tinha como objetivos principais o difusionismo, com base na persuasão dos agricultores com vista a incentivar a utilização de novas tecnologias, transformando os hábitos, habilidades e atitudes dos agricultores da época. Esse modelo de extensão rural não considerava os saberes tradicionais dos agricultores, desprezando condições sociais, culturais, econômicas e políticas em disputa (OLIVEIRA, 2015).

De acordo com Caporal (2006), para atuar neste campo, é necessária uma sensibilização do extensionista, um novo papel e um novo perfil dos envolvidos condutores do processo de formação, além, da execução constituída por métodos e técnicas participativas que estimulem a atuação, protagonismo e autonomia dos sujeitos, estimulando o senso crítico reflexivo dentro de seus contextos.

É de fundamental importância a utilização dos princípios da agroecologia como direcionamento para um desenvolvimento rural sustentável, bem como referência para a agricultura convencional atual. Por se tratar de princípios humanitários, provedores de renda, que respeitam o homem do campo, sua identidade, a natureza e o meio ambiente e suas relações com a sociedade/comunidade.

Com objetivo de nortear a ação extensionista para um modelo menos convencional, surge em 2003 com uma proposta de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) (CAPORAL, 2006). A criação da ATER impulsionou um série de discussões sobre modelos de extensão que superassem as velhas práticas difusionistas, culminando na criação da nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), que propõe uma educação dialógica entre o profissional de extensão rural e o agricultor, numa ótica voltada para a construção e compartilhamento de saberes de forma participativa, que atenda ao contexto das comunidades rurais, garantindo o desenvolvimento rural sustentável das mesmas (OLIVEIRA, 2015).

Nos processos de desenvolvimento de extensão rural, muitos recursos são utilizados nas práticas, nesse contexto, é importante enfatizar recursos metodológicos que podem ser considerados durante essas construções, tendo em vista a assistência tecnicizada convencional que é empregada nas comunidades e propriedades rurais, desvalorizando em alguns casos o conhecimento empírico ao invés de agregar e aperfeiçoar saberes em conjunto.

Os municípios do interior do Rio Grande do Norte, demonstram grande carência quando se trata de extensão rural e assistência técnica, especialmente algumas localidades do Seridó,

como Serra Caiada, que por sua localidade foram invisibilizados tendo dificuldades ao acesso de políticas públicas e direitos básicos de desenvolvimento humano.

Nesse sentido, objetiva-se com este trabalho descrever e analisar a experiência desenvolvida por meio de metodologias participativas com um grupo de agricultores no município de Serra Caiada/RN, de forma a promover o protagonismo e a autonomia para uma transição agroecológica e um posterior desenvolvimento rural sustentável dos sistemas produtivos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por muito tempo as metodologias de extensão rural foram elaboradas com base na perspectiva behaviorista, que enfatizava em sua teoria que o homem poderia ser domesticado e readaptado a partir do contexto em que está inserido, por meio de estímulos e reações, com base nisso, a ATER convencional adaptou ao seu esquema metodológico a inclusão de atividades de forma a convencer os agricultores a adotarem tais tecnologias, impossibilitando que os mesmos desenvolvam seu senso reflexivo e criativo, dentro do seu contexto de vida, sobre a adoção das tecnologias (CAPORAL, 2006).

Como lembra Paulo Freire (1996), esse tipo de modelo onde os agricultores são impostos a adotarem tais tecnologias ou técnicas é caracterizado como educação bancária, a qual não obteve êxito dentro do espaço rural, nesse contexto, uma vez que na maioria dos relatos é notório o extensionista queixar-se sobre os agricultores serem resistentes a adoção de tecnologias, o que representa oposição dos agricultores quanto ao processo de domesticação.

Ainda segundo Caporal (2006), em contrapartida a este modelo de extensão rural, ultrapassado, mas ainda presente no contexto agrícola, a ATER atual busca atuar de forma construtivista, integrativa, sob uma postura teórico-prática, buscando resgatar o saber histórico, cultural, individual ou coletivo do homem do campo, como também integrá-lo dentro do processo de diagnóstico, planejamento e construção do conhecimento, descentralizando a hierarquia dos saberes, construindo conhecimentos de forma participativa. Esses conhecimentos precisam ser valorizados e introduzidos dentro do processo de formação, como elemento fundamental para um desenvolvimento rural, o que se torna quase improvável através dos métodos convencionais de Extensão Rural. Desta forma, cabe às entidades de ATER a capacitação para a adesão de ferramentas e técnicas participativas, que permitam a reflexão e desperte a autonomia de criação dos sujeitos, provocando a busca, por parte dos agricultores, de soluções para suas respectivas realidades e assim, possibilitando a partir disso um

desenvolvimento rural sustentável para as famílias por eles manejadas através dos princípios da agroecologia.

Todavia, estas ferramentas apesar de seu intuito integrativo devem ser usadas de forma consorciada com ensino-extensão-prática, para que não se torne um utensílio mecânico (SOUZA, 2009).

A elucidação de metodologias participativas em meio aos processos formativos passa a ganhar intensidade, pois encontra-se vinculado a uma participação efetiva, um debate transparente, proporcionando a dialogicidade entre os indivíduos envolvidos, permitindo um diagnóstico, planejamento e intervenção de forma contextualizada com as realidades (PEREIRA, 2009).

Dentro das metodologias participativas, segundo Souza (2009), o DRP (Diagnóstico Rural Participativo) tem sido cada vez mais utilizado, por diversas entidades e organizações em processos de diagnóstico e planejamento rural. Dentro das dinâmicas metodológicas nos espaços de formação, a adoção de DRP é de fundamental importância pois considera a atuação direta dos agricultores como ponto principal no processo formativo, podendo dessa forma objetivar os diagnósticos de acordo com o contexto vivenciado no cotidiano dos sujeitos, tendo em vista a deficiência que estava sendo gerada pela falta de contextualização dos projetos de assistência técnica com as realidades dos envolvidos.

A metodologia prega, além da maior rapidez na obtenção de dados importantes para a promoção do desenvolvimento socioeconômico de populações rurais, o empoderamento e protagonismo das famílias, pois desperta a sensibilidade da mobilização social como indivíduos transformadores do contexto.

Souza (2009), em um de seus trabalhos nos assentamentos rurais relata a magnitude dos DRPs e de seus instrumentos de trabalho nos processos de formação, como a utilização de mapas da propriedade, utilização de tarjetas, fluxogramas, rio do tempo, caminhada transversal dentre outros instrumentos que promovem a atenção e participação dos envolvidos, sendo estas metodologias instrumentos que correspondem de forma fundamental na construção e formação do saber para um desenvolvimento rural sustentável com ênfase nos princípios da agroecologia.

Sendo assim, a partir das discussões e argumentações de estudiosos das áreas de educação, ensino, extensão e pesquisa, de contexto agrário, as propostas metodológicas pensadas para a atuação do processo de formação foram com base na perspectiva de uma nova propostas de extensão rural, entre elas a PNATER (BRASIL, 2004), criando premissas que vão ao encontro da educação popular, destacando-se a promoção da avaliação crítica da percepção

dos agricultores sobre a sua própria atividade, a partir da utilização de metodologias participativas que valorizam as suas ações.

METODOLOGIA

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, se caracterizando como um estudo de caráter exploratório. A pesquisa é resultado de um curso de formação sobre Gestão de Água para a Produção de Alimentos (GAPA), que foi realizada no município de Serra Caiada/Rio grande do Norte, através do Serviço de Apoio aos Projetos Alternativos Comunitários (SEAPC - ONG), juntamente com a parceria de facilitadores do núcleo de Agroecologia da Universidade Federal da Paraíba, campus III.

O curso ocorreu nos dias 30 e 31 de agosto e 1 de setembro de 2018, com um grupo de 100 agricultores dos sexos feminino e masculino, entre 35 e maiores de 60 anos (Tabela I), com médias de escolaridade entre ensino fundamental e médio não quantificadas.

Tabela 01 - Faixa etária de idade e sexo dos agricultores participantes.

FAIXA ETÁRIA DE IDADE		
35-36	37-60	>60
25	59	16
SEXO		
Feminino	Masculino	
80	20	

Fonte: SEAPAC, 2018.

No curso, foram utilizadas metodologias participativas e recursos metodológicos, sendo estes: mapa inicial da propriedade; diferenciação da agroecologia x agricultura convencional; rio do tempo; e mapa do futuro da propriedade. Estas ferramentas foram introduzidas dentro do processo de formação de caráter continuado durante o seguimento do curso e se constituem como dados desta pesquisa. A avaliação dos resultados foi feita com base na análise e reflexão dos materiais produzidos pelos integrantes durante o processo formativo, a partir de seus posicionamentos e intervenções durante os respectivos dias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados de acordo com a sequência de metodologias utilizadas no processo.

Mapa inicial da propriedade:

A primeira ação realizada no âmbito deste processo foi a realização de um mapeamento inicial da propriedade (Figura I). O mapeamento da propriedade é um DRP bastante eficiente pois é construído de forma colaborativa, participativa, integrando os membros familiares e o facilitador. O mapa inicial da propriedade, permite que o agricultor transcreva sua realidade em forma de desenho, antes de aprender técnicas de manejo e diferentes sistemas de criação e produção de alimentos, podendo ser objeto de comparação com o mapa do futuro desenvolvido no último dia de formação. Neste processo de diagnóstico, não se pretende unicamente colher dados dos participantes, mas, sim, que estes iniciem um processo de autorreflexão sobre os seus próprios problemas e as possibilidades para solucioná-los (VERDEJO, 2006).

Neste momento, os/as agricultores/as foram divididos em 4 grupos, separados de acordo com as comunidades e/ou membros familiares, com o auxílio dos facilitadores no incentivo a criatividade dos sujeitos. Cada grupo produziu um mapa de acordo com suas percepções sobre as propriedades, e a figura I ilustra um dos mapas feitos, o qual representou de forma clara e geral a visão de todos os grupos.

Neste contexto, foi perceptível neste mapa, a produção em monocultivo da macaxeira, a criação de gado, a cisterna ao redor de casa junto da criação de pequenos animais e a plantação de algumas frutíferas. Neste momento foi notório que a grande maioria dos sujeitos envolvidos adotam principalmente os sistemas convencionais de produção, utilizando apenas uma cultura predominante (macaxeira), junto da utilização de fertilizantes químicos.

Figura 01 - Mapeamento da propriedade realizado pelos agricultores.



Fonte: Própria.

Após a construção do mapa inicial da propriedade, os grupos apresentaram em frente aos demais, suas respectivas propriedades. Este momento foi proposto, para que os sujeitos perdessem a timidez e desenvolvessem o recurso da fala, principalmente as mulheres que por

questões culturais de opressão no núcleo familiar sempre tiveram este direito reduzido em relação aos homens.

Nessa perspectiva, de acordo com verdejo (2003), esta ferramenta permite observar todo o território da propriedade, as potencialidades e fraquezas, propiciando melhorar, retirar ou integrar algum elemento de um sistema para outro, como também, qualquer outra forma de intervenção.

Diferenciando agroecologia x agricultura convencional:

Nesta fase, utilizou-se uma abordagem sobre os conceitos e teorias referentes a agroecologia e a agricultura convencional, enfatizando as características de produção e manejo destes dois modelos agrícolas, junto da diferenciação destas, nas dimensões sociais, ambientais e econômicas (Figura II). Após isso, foi proposto para os agricultores que diferenciarem, de acordo com a compreensão de cada um, a agroecologia da agricultura convencional, através de uma chuva de ideias, por meio de tarjetas de cartolina distribuídas para cada sujeito.

Figura 02 - Diferenciando a agroecologia x agricultura convencional.



Fonte: Própria

Para análise e discussão dos dados obtidos, foram selecionadas as palavras com maior frequência de repetição, sendo elas caracterizadas: 1) Agroecologia: respeito a vida, mobilização social, trabalho em equipe, plantar várias culturas, não utiliza agrotóxicos, diversidade de espécies, solos com vida; 2) Convencional: Utiliza agrotóxico, monopólio de terras, planta apenas uma cultura, pouco diversidade de espécies e uso de grandes máquinas.

Durante as discussões houveram grandes questionamentos e reflexões sobre os sistemas produtivos da agricultura convencional no Brasil, observando o quanto é prejudicial a utilização de agrotóxicos tanto para o solo e os agroecossistemas como para saúde do homem em seu ambiente familiar, raciocinando dessa forma, que estes sistemas de produção não se enquadram

com suas respectivas realidades como também os pacotes tecnológicos que são oferecidos o qual não se enquadram ao contexto da região semiárida.

Dentro das reflexões sobre a agroecologia, os agricultores/as puderam perceber o quanto esta ciência está vinculada em suas vidas e na memória dos povos tradicionais da sociedade, desde a forma de manejar e cultivar os solos até as formas de se relacionar com a comunidade. Esta reflexão proporcionou uma motivação dentre os agricultores, incentivando a transição agroecológica para um desenvolvimento rural sustentável e uma qualidade de vida digna.

Rio do tempo:

O rio do tempo consiste numa metodologia participativa que tem por objetivo resgatar o conhecimento e o saber sociocultural de uma comunidade (ABA, 2017), ou de algum outro assunto desejado, diferenciando na forma de abordagem e contextualização das temáticas. Esta ferramenta estimula o resgate das memórias dos sujeitos e/ou das comunidades, incentivando a reflexão e recapitulando as vivências dos/as mais velhos/as, dos intermediários, até os dias atuais.

No presente caso analisado (Figura III), o foco da abordagem foi resgatar e refletir sobre o acesso e chegada de políticas públicas, assistência social e direitos básicos na comunidade, como também as formas de manejo do sistema de produção agrícola utilizadas no decorrer dos tempos, lembranças dos bons anos de chuvas e boas colheitas, anos de seca e escassez, dentre outras questões expressadas pelos sujeitos, não se adequando nesta abordagem.

Figura 03 - Rio do tempo.



Fonte: Própria.

Desta forma, o processo iniciou-se com a pessoa mais velha da comunidade, nascida em 1939, posicionando esta data em uma tarjeta numa ponta do quadro e em seu outro extremo os dias atuais, 2018, como ilustrado na figura III. Em seguida, foram distribuídas tarjetas de

cartolina para os/as participantes expressarem suas memórias, entre elas foram selecionadas como prioritárias aquelas que se repetiram mais, como também as mais marcantes.

Posteriormente a construção do rio do tempo, as primeiras reflexões a serem geradas referiram-se a acessibilidade e contato com as políticas públicas e direitos básicos de desenvolvimento social, como água encanada, energia elétrica, escolas do campo, PSF, etc., surgindo em volta de 2012 de acordo com as memórias dos/as participantes. A partir desta reflexão, os sujeitos envolvidos passaram a ter raciocínio e se questionaram sobre o porquê passaram grande parte do seu tempo de vida desassistidos de assistências básicas e políticas públicas e de inclusão.

Continuando os resgates e reflexões, foi observado a trajetória histórica dos sistemas de produção da comunidade, que prevaleceu durante muitos anos, desde a pessoa mais velha o monocultivo de algodão, consorciado com a utilização excessiva de fertilizantes e defensivos químicos, visto as grandes perdas econômicas causadas pelo bicudo nos sistemas de produção na época. Foi relatado que a praga por muito tempo passou a resistir as aplicações de pesticida, obrigando os agricultores a aumentarem as dosagens, causando grandes danos, a longo prazo, ao solo, a economia e a saúde dos produtores.

Ainda dentro dos resgates históricos da comunidade, foram resgatadas lembranças de grandes chuvas e boas colheitas, como também anos de seca e escassez. As principais culturas plantadas após o predomínio da cultura do algodão, como, fava, caju, milho, feijão, apareceram nos períodos de grandes chuvas e boas colheitas, em tempos de seca e escassez algumas propriedades aderiram a cultura do monocultivo da macaxeira, perdendo o hábito da diversificação de culturas dentro dos sistemas produtivos, em especial as grandes propriedades, sendo as pequenas propriedades as que predominam uma diversificação de culturas, principalmente nos arredores de casa.

Uma comunidade quando não consegue ou sente extrema dificuldade em relembrar os saberes tradicionais de seus povos, remete que a história do povo foi esquecida pelas novas gerações.

Mapa do futuro:

O mapa do futuro é uma metodologia participativa que assim como o mapeamento inicial tem como foco apresentar em forma de desenho, os modelos e os sistemas de produção que compõem a propriedade. Este processo continuado, facilita a compreensão e estimula o protagonismo, por se diferenciar de forma visual o contexto atual da propriedade e uma visão futura da mesma, inserindo e aperfeiçoando as técnicas e os modelos sistêmicos de produção presentes na propriedade, como apresentado na Figura IV.

Nesta dinâmica, os/as agricultores/as se dividiram em grupos, para planejamento e idealização dos mapas. Dentre os mapas elaborados pelos envolvidos, este foi selecionado de forma que representasse todos, pois conseguiu ilustrar de forma mais assimilável e geral os enfoques sistêmicos da propriedade.

Foi visto a partir do mapeamento final da propriedade, que os envolvidos utilizavam sistemas de produção comentados durante o módulo formativo, como também de tecnologias sociais, práticas de manejo e técnicas de cultivo, sendo elas: diversificação e consórcio de culturas; adesão de sistemas agroflorestais como alternativa para o desenvolvimento social, ambiental e econômico da propriedade; papel da mulher no sistema produtivo, principalmente aos arredores de casa; utilização da cisterna como fonte de água para criação e produção animal e vegetal; cobertura do solo como alternativa na retenção de água; utilização de culturas adaptadas às condições locais, espécies nativas; minimizar o gasto de insumos externos potencializando os recursos naturais presentes na propriedade.

Figura 04 - Mapa do futuro.



Fonte: Própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos oriundos das metodologias participativas promoveram uma grande mobilização social durante os procedimentos formativos, por meio do estímulo no compartilhamento de experiências, conhecimentos e reconhecimentos de realidades de vida, gerados nesse processo de forma dialógica, os quais puderam construir um ambiente de aprendizado voltado para o contexto social, histórico e cultural daquele espaço. Com isso, os agricultores puderam reconhecer seu universo de possibilidades, direitos e compromissos com seu próprio contexto e no contexto da agroecologia.

O maior intuito desta experiência foi promover aos envolvidos deste processo de formação, em especial os agricultores, a responsabilidade de multiplicar e compartilhar estes conhecimentos de forma a expandir e promover um desenvolvimento rural sustentável com base nos princípios da transição agroecológica para as unidades familiares de produção.

REFERÊNCIAS

ABA. Associação Brasileira de Agroecologia. **Caderno de Metodologias, Inspirações e Experimentos na Construção do Conhecimento Agroecológico**. 2017. Disponível em: <http://base.socioeco.org/docs/d630d9ab58ff88_e3b2b3ae1b63e95fed.pdf>. Acesso em: 12 set. 2018.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília, DF, Brasil, 2004. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/2CNDRSS/2cndrss%20politica_nacional.pdf>. Acesso em: 10 de jul, 2021.

CAPORAL, Francisco Roberto; RAMOS, L. de F. **Da extensão rural convencional à extensão rural para o desenvolvimento sustentável: enfrentar desafios para romper a inércia**. Brasília, setembro de, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Francisco-RobertoCaporal/publication/228810107_Da_extensao_rural_convencional_a_extensao_rural_para_o_desenvolvimento_sustentavel_enfrentar_desafios_para_romper_a_inercia/links/5b20251faca272277fa81758/Da-extensao-rural-convencional-a-extensao-rural-para-o-desenvolvimento-sustentavel-enfrentar-desafios-para-romper-a-inercia.pdf>. Acesso em: 10 de jul, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pe_dagogia_do_oprimido.pdf>. Acesso em: 12 set, 2018.

OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco. Reflexões sobre o uso de metodologias participativas como instrumento de trabalho em comunidades rurais. **Em Extensão**, v. 14, n. 1, p. 30-51, 2015. Disponível em: < https://doi.org/10.14393/REE-v14n12015_art02>. Acesso em: 10 de jul, 2021.

PEREIRA, Apes Falcao; GOMES, João Carlos Costa. O uso de metodologias participativas na democratização do conhecimento: avaliação de rede de referência na Região Sul do RS. **Revista Extensão Rural, Ano XVI**, n. 18, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/5597/3324>>. Acesso em: 10 de jul, 2021.

SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira. A utilização de metodologias de diagnóstico e planejamento participativo em assentamentos rurais: o diagnóstico rural/rápido participativo (DRP). **Em Extensão**, v. 8, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20380>>. Acesso em: 10 de

jul, 2021.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo: guia práctico**. Centro Cultural Poveda, Proyecto Comunicación y Didáctica, 2003. Disponível em: <http://dione.cuaed.unam.mx/veterinaria/principal/302/epab10/contenido/doc/u3/DiagnosticoRu raParticipativo_guia_practica.pdf>. Acesso em: 10 de jul, 2021.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo: guia práctico DRP**. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006. 62 p. Disponível em: <<http://jararaca.ufsm.br/websites/deaer/download/VIVIEN/Texto01/ManualDATER.pdf>>. Acesso em: 10 de jul, 2021.

Submetido em: 10/05/2021

Aceito em: 05/08/2021

Publicado em: 22/07/2022

Avaliado pelo sistema *double blind review*